

# AUTISTAS, UM NOVO DESAFIO EM SALA

Denise S. Thiago Di Bernardi<sup>1</sup>  
Daniel Reis<sup>2</sup>

## RESUMO

*Este paper tem como público-alvo todos os professores que estão se perguntando: o que vai mudar, será que eu vou dar conta? Aceitar o desafio de um aluno diferente e aprender com ele, mesmo sendo difícil, é uma experiência engrandecedora. Perceber que não estamos sozinhos é o objetivo, e mostramos isto apresentando brevemente alguns métodos e programas existentes que podem nos auxiliar, assim como dicas elaboradas a partir da minha experiência com alunos autistas durante o último ano.*

**Palavras-chave:** Autismo. Inclusão. Individualidade.

## 1 INTRODUÇÃO

*“[...] o autismo, embora possa ser visto como uma condição médica, também deve ser encarado como um modo de ser completo, uma forma de identidade profundamente diferente [...]” (OLIVER SACKS)*

Como trabalhar artes com autistas?

É possível incluir de fato um autista dentro de uma turma de ensino regular?

Estas são perguntas que a inclusão nos fez parar para pensar.

Este trabalho tem por objetivo lembrar que cientistas e pesquisadores estão há anos envolvidos com autistas e suas famílias, que este caminho já foi aberto para nós. Hoje podemos nos apoiar em seus estudos e perceber que a diferença sempre existiu e que, na verdade, essa é uma oportunidade de troca de experiências e aprendizados.

Como metodologia foi utilizada a pesquisa em textos científicos, palestra oferecida no *Campus* de Indaial da Uniasselvi e experiência pessoal vivida com alunos autistas no ano de 2010.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Embora a inclusão seja algo novo, o comportamento autista já é estudado há bastante tempo. Diversos estudos genéticos, biológicos, neurológicos e educacionais foram feitos, porém ainda não há um consenso sobre qual é a causa do autismo. O espectro autista, englobando a síndrome de Asperger e de Rett, apresenta características bastante particulares, porém tem em comum a dificuldade nas relações sociais e compreensão de expressões faciais, movimentos repetitivos e dificuldade de aprender por imitação.

1- Acadêmica do Curso de Artes – Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Turma ART 0037 – Indaial-SC – Polo UNIASSELVI.

2- Professor-Tutor Externo do Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Turma ART 0037 - Indaial-SC – Polo UNIASSELVI.

Métodos e programas para ajudar-nos a entender o mundo autista e conseguir fazer com que eles entrem no nosso mundo foram desenvolvidos para ser vivenciados dentro do ambiente familiar e escolar. Alguns dos mais utilizados são o TEACH, que nos propõe a organização no espaço e no tempo, o uso de dicas visuais e, entre outras, a associação do conteúdo com a vida diária. O método *Son-Rise* faz um mergulho dentro do mundo autista, fazendo uma conversa inconsciente, uma aproximação, um respeito à diferença e uma abertura através da confiança. Ambos os métodos têm inúmeros pontos de valor, o difícil é adaptá-los e ver seus efeitos dentro de um contexto “não autista”, ou seja, um espaço não adaptado, cheio de informações visuais e distrações: as salas de aula em que eles são “incluídos”.

Outra ferramenta bastante interessante é a arte terapia. De um modo geral, a arte é o modo de o artista ver o mundo, porém a recíproca é verdadeira, podemos conhecer o artista através de sua arte. Mesmo sem saber acabamos nos mostrando através do universo artístico, e essa é a ideia central da arte terapia, usar a arte como facilitador, um meio para a expressão não verbal. Este pode ser um caminho para conhecermos o mundo autista e nos familiarizarmos com suas emoções ali traduzidas como expressão simbólica. Lembramos que em geral o autista aprende com leitura de imagens visuais, tem em geral boa memória fotográfica, e prende sua atenção mais ao detalhe do que ao todo (sem dúvida uma visão diferente do mundo).

Mas, o que nós como professores podemos fazer? Apenas uma parte, e nos conformar que o resultado é lento, mas podemos ajudar, sim. Dentro do ensino regular, temos que cumprir uma ementa, o nome dos artistas, o nome do movimento, não vai ajudar em nada o convívio social do autista. É aí que temos que estar inteiros, fazendo a adaptação curricular e metodológica, lembrando todos os conhecimentos que já adquirimos. Características individuais como a verbalização, o temperamento e as áreas que despertam algum interesse são as chaves de acesso ao mundo destes nossos alunos. O processo de vivenciar a arte, a exploração dos sentidos, a estimulação tátil, visual e sonora, isso, sim, aproxima o aluno autista.

Segundo Levin (2000 apud KYARIAKIS, 2010),

[...] o corpo no autismo permanece mudo, silencioso, carente de qualquer gestualidade, mantém-se encapsulado e coisificado nessa única posição do mutismo. [...] Tanto o corpo quanto as posturas, o tônus muscular, os movimentos, o silêncio, o espaço e o tempo estão numa relação de exclusão à linguagem. [...] o corpo da criança autista movimenta-se num tempo eterno, infinitamente, sem pausa, num espaço sem limites, sem um lugar no qual possa orientar, navegando no vazio próprio da coisa inerte.

Baseados nestas informações, não podemos negligenciar a importância de trabalhar com autistas a consciência corporal, pois a dificuldade na percepção corporal com certeza interfere na compreensão e expressão pela linguagem não verbal. Trabalhando com o corpo, podemos ampliar o trabalho seguindo para a consciência espacial e temporal.

Em 2010, tive a oportunidade de lecionar Artes na Apae de Indaial e conviver com 11 alunos que estão dentro do espectro autista. Tive alunos de ambos os sexos, diferentes faixas etárias, com comportamentos e personalidades diferentes, assim como inseridos em turmas com graus de comprometimentos e dificuldades diversas. Esta experiência me mostrou que errei muito, mas aprendi demais com eles. Primeiro aprendizado: não existe fórmula que sirva para todos, eles são indivíduos com peculiaridades diferentes em cada um, o principal é mostrar carinho, amor e boa vontade para estar sempre tentando. Segundo: é um dia depois do outro, às vezes aquele dia rende, às vezes não. Há dias que eles estão menos dispostos, assim como nós às vezes também estamos menos dispostos, e o resultado aparece. Terceiro: o avanço é lento, mas só começa quando a confiança é estabelecida. Ajudam dicas visuais, planejamento antecipado, exposição do planejamento e cumprir o que foi combinado. Se você disse “depois do banheiro vamos pintar”, não pare no meio do caminho para falar com alguém e aproveitar a saída de sala. Você está quebrando um combinado, o aluno se irrita até que seja cumprido o que ele espera. Isto foi uma ilustração, mas serve para tudo no dia a dia de um autista. Tudo é muito concreto. A improvisação existe, mas deve surgir quando aparece uma porta aberta pelo aluno, dentro do espaço de aproximação e confiança conquistada. Quarto: toda e qualquer conquista deve ser muito

valorizada, assim eles entram no nosso mundo. Não são só eles que têm que permitir que entremos no mundo deles. Nós também temos que permitir que eles entrem no nosso. Quando mostramos nossa felicidade pela conquista deles, eles percebem sim, mas a forma como eles demonstram isso é bastante individual, alguns ficam alegres, outros ficam ansiosos, outros gritam, outros gostam de um abraço, ou ficam encabulados. O mais importante é respeitar a individualidade e sempre valorizar a conquista.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O respeito à personalidade e as dificuldades individuais, a valorização de toda conquista, o respeito às regras e ao meio ambiente e o estímulo da família são fundamentais para um convívio mais harmonioso e saudável.

A ciência tem feito estudos e tudo aponta para que a causa primária seja biológica, neuronal, uma possível predisposição genética, ou uma enfermidade degenerativa das células do sistema nervoso. O que nos importa é que, mesmo enquanto não houver medicamentos que ajam em nível físico, podemos nos apoiar no conhecimento já comprovado da plasticidade cerebral, ou seja, acreditar que a cura, apesar de lenta, gradativa, com parcerias e muita dedicação, é possível.

### REFERÊNCIAS

BALLONE, G. J. Autismo infantil. Disponível em: <[www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br)>. Acesso em: 24 maio 2012.

LEVIN, E. **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. Trad. de Julieta Jerusalinsky. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRAGA, Isabela. Na ponta do pincel. Ciência Hoje: Revista eletrônica. 15 de junho de 2010. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2010/06/na-ponta-do-pincel>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

INSPIRADOS PELO AUTISMO: abordagem educacional inovadora para o desenvolvimento de pessoas com autismo. Palestra proferida na UNIASSSELVI- Centro Leonardo da Vinci, Indaial, 2010.

KYARIAKIS, Flabiana. O autismo na escola atual. (2010). Disponível em: <<http://filosofojr.wordpress.com/2010/02/10/o-autismo-na-escola-atual/>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

MUOTRI, Alysson. Combatendo o autismo: consertando um neurônio de cada vez. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=240http://g1.globo.com/platb/espisal>>. Acesso em: 7 jan. 2011.

SOARES, Rosana. **O autismo, a arte e o ensino regular: uma convivência possível?** Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado em Artes)- Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/130.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2012.

SOCIEDADE AMERICANA DE AUTISMO – ASA. **Informações sobre tratamento e educação de autistas**. Tradução e adaptação: Mônica de Castro Accioly. Texto adaptado para publicação no *site* do Instituto Indianópolis. Disponível em: <<http://www.indianopolis.com.br/si/site/1173>>. Acesso em: 6 jan. 2011.